



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

TENSÕES RACIAIS: LÍNGUA, ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

Glória da R. Abreu FRANÇA¹
Rogério MODESTO²

RESUMO: Nas condições de produção de sociedades pós-coloniais que se configuraram a partir de profundas clivagens sociais e raciais, como é o caso da sociedade brasileira, é intensa a produção de discursos que mobilizam sentidos em torno do que aqui chamamos de “tensões raciais”. Produções discursivas que engendram tensões, porque provocam dissenso, polêmica, deslocamento, estando muitas vezes enlaçadas à resistência. Políticas afirmativas, luta por igualdade no acesso aos bens sociais, condições de sobrevivência e salário, preconceito, genocídio, diversidade religiosa, imigração, direitos linguísticos são apenas algumas das questões em torno das quais discursos racializados se constituem, se formulam e circulam, produzindo identificações racializantes e movimentando imagens e dizeres de/sobre raça em suas diversas possibilidades de materialização. Partindo dessas considerações, neste simpósio, abrimos espaço para trabalhos, concluídos ou em andamento, que tomem como objeto de reflexão os discursos racializados e as identificações racializantes, em suas potenciais relações com outras dimensões constitutivas dos processos de identificação como gênero, sexualidade, territorialidades, urbanidades entre outros. Concebemos este simpósio numa perspectiva teórica dos estudos do discurso que considera a língua atravessada pela ideologia e, por isso, base material dos processos discursivos, tal como propõe a Análise de Discurso que se orienta por uma perspectiva materialista. Nesse contexto, damos enfoque à relação entre língua, sujeito e sentido entendendo-a como fundamental nos processos de (re)produção das identificações e, em virtude disso, convidamos não apenas pesquisadores que trabalhem a dimensão discursiva dos processos de significação como também aqueles que se preocupem com as dimensões enunciativa e argumentativa e que estejam alinhados ao enfoque da relação supracitada. Em outras palavras, este simpósio acolherá reflexões que tomem os discursos racializados e as identificações racializantes como objeto tanto de uma abordagem discursiva de perspectiva materialista quanto de abordagens enunciativas ou argumentativas, de modo especial as que consideram a argumentação um fato de linguagem inscrito na língua e no (inter)discurso, tal como sintetizam M. Zoppi-Fontana e S. Oliveira (2016). Interessa, então, a este simpósio o discurso e a argumentação em perspectiva materialista, o que significa dizer que nosso olhar recai sobre os fatos de linguagem observados na relação entre as formas da língua e seus modos de acontecimento em determinadas condições de produção, nas quais se inscrevem, pelo interdiscurso, as contradições ideológicas presentes em nossa formação social.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Argumentação. Tensões raciais. Processos de identificação.

1 UFMA/ gloria.franca@gmail.com

2 UESC / roger.luid@gmail.com



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

MODULAÇÃO ANTIRRACISTA À BRASILEIRA: DEMOCRACIA /DISCRIMINAÇÃO

Fernanda DA SILVA MACHADO (Instituto Federal Baiano – Ifbaiano)
fernanda.machado@ifbaiano.edu.br

RESUMO: O trabalho parte da imagem de Brasil como um corpo identitário unificado aparente na imagem democrática da Constituição Federal, com o objetivo de confrontar essa identidade com diferentes interpretações. Para tanto, retoma-se a polêmica identidade antirracista racista, norma paradoxal no Brasil. A análise é direcionada para a temática do antirracismo enquanto algo relacional, não como uma questão unilateral e unidirecional, pertencente ou proveniente do interlocutor negro. Além disso, traz o histórico do tratamento jurídico-político do antirracismo, apontando as tendências da sociedade brasileira no trato do combate ao racismo. Ainda que amparada por meandros jurídicos, a ação antirracista é passível de interpretação ampla, não sendo, portanto, necessariamente imparcial. As leis afetam-se pelas movimentações ideológicas de determinado espaço-tempo, sendo cunhadas por sujeitos que se posicionam ao lado de discursos que se relacionam e se conflituam. Assim, a legislação antirracista que possui gêneses e implicações diversas a depender do ponto de vista sobre a realidade etnicorracial brasileira e sobre qual ação antirracista deve prevalecer. Em uma abordagem ampla, tais óticas podem ser bifurcadas e expressas nos seguintes termos: na hipótese de o Brasil ser visto como igualitário, não haveria a necessidade de leis antirracistas, mas, caso seja visto como desigual, tais leis tornam-se imprescindíveis. Para analisar essa dinâmica, recorre-se ao estudo qualitativo e à Análise do Discurso de Michel Pêcheux ([1969] 1997, [1975] 1997) por abordar o político e o simbólico, veiculado em formações discursivas, que autorizam dizeres sob a forma de gêneros textuais. Esses gêneros, ainda segundo Mikhail Bakhtin ([1952-3] 1992), são enunciados concretos, que veiculam axiologias e organizam as atividades sociais. Em adição, conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca ([1958]2005), a arrumação do pensamento político pode se dar por associação de ideias como o fazem as técnicas argumentativas quase-lógicas. São abordados os seguintes textos legais: a Lei 12.711/2012, a lei de cotas, incluindo-se ainda dispositivos relacionados discutidos no STF: a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 186-2 – ADPF 186 de 2012 e a Ação Declaratória de Constitucionalidade nº41 – ADC 41 de 2017 e projetos de lei mais atuais sobre a questão da reserva de vagas, como PL 01-00019/2019 e o PL 1.531/2019 (bem como sua Justificação). Constata-se, após a análise, a existência do Brasil enquanto nação democrática e racista cuja dissociação nocional prototípica reúne os termos “democracia” e “discriminação”.

Palavras-chave: Antirracismo. Racismo. Discurso. Argumentação.

ENUNCIACÕES QUILOMBOLAS URBANAS: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO E CONTRADIÇÕES

Glória FRANÇA (Professora Adjunta – Universidade Federal do Maranhão)
Gloria.franca@gmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe uma articulação entre as teorias enunciativas e argumentativas – através das quais se realiza a análise de lugares enunciativos e de locutores que se projetam nos dizeres de/sobre os quilombolas do Território Liberdade – e a teoria discursiva materialista, que nos ajuda a compreender os processos de identificação em sua relação constitutiva com a contradição na produção dos sentidos e sujeitos em análise. O Território Liberdade Quilombola se refere a um espaço correspondente aos bairros da Fé em Deus, Liberdade e Camboa, localizados na capital maranhense. A referida nomeação desse aglomerado de bairros, considerados como sendo da periferia ludovicense, é decorrente de uma demanda pela identificação Quilombo Urbano, que lhes foi atribuída em novembro de 2018 pela Câmara de Vereadores de São Luís (e que segue em curso para reconhecimento estadual). Este trabalho parte de estudos sobre a relação entre o movimento nacional dos Quilombos Urbanos e os sentidos de favela ou de periferia, e seu *corpus* se constitui a partir de diferentes materialidades produzidas tanto na mídia quando pelos membros do movimento Quilombo Raça e Classe, um dos responsáveis pela demanda em questão. À luz da análise de discurso, numa tomada de posição materialista e anti-racista, buscamos: (1) compreender os efeitos de sentidos contraditórios de quilombola e de urbano produzidos por essa nomeação; (2) pensar os gestos de identificação – com o lugar de quilombola e com o lugar da urbanidade – que só se constituem como tal ao se configurarem ao mesmo tempo enquanto gestos de resistência; (3) analisar os modos pelos quais se dão os desdobramentos enunciativos e de que modo são afetados os locutores que se projetam nos dizeres dos/sobre quilombolas urbanos do território Liberdade. Do que precede, questionamos os deslocamentos de sentido produzidos pelo Quilombo Urbano naquilo que se apresenta, na ordem da formulação, como uma dupla-identificação. Almejamos especificamente perceber os modos pelos quais se configuram, o sujeito da periferia e o sujeito quilombola urbano, a partir de uma imbricação de discursos que perpassam, em diferentes níveis, o jurídico, o religioso, o cultural e a militância: na relação de reconhecimento da propriedade e de uma determinada territorialidade; nos recortes sobre a presença dos terreiros de candomblé nesses bairros em seus efeitos discursivos; na relação desses espaços na circulação do reggae como uma forma de expressão do efeito de reconhecimento da maranhensidade; no papel da militância e os efeitos contraditórios de seus discursos nos gestos de reconhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Quilombo urbano. Lugares enunciativos. Processos de identificação.

Mouvement afroféministe en France : *Contre-discours ou discours* *de la « race » comme point d'énonciation*

Gnenonsegouet Noelle GLEO (Doctorante – Université Paris 13 Sorbonnes cité)
noelgleo@gmail.com

Résumé: Les femmes noires ont été marginalisées, voire exclues du récit qui constitue la mémoire nationale française. Depuis quelques années en France, des voix de militant.e.s, de politiques et de chercheur.e.s performent la (in)visibilité des femmes noires dans l'espace public et médiatique. Ces discours sont portés par de nombreux collectifs comme Mwasi, AfroFem, Sawtche ou encore Cases Rebelles et des individualités notamment Rokhaya Diallo, Maboula Soumahoro, Françoise Vergès, Mrs Roots et Kyémis. Cette étude s'appuie sur des exemples constitués par les discours des locut.eur.ice.s sur des événements polémiques à caractère raciale qui ont été débattu dans les médias en ligne et sur les réseaux sociaux notamment « du festival Nyansapo en 2017 et du boycott de l'exposition Exhibit B en 2014 , du renvoi de Rokhaya Diallo du conseil national du numérique 2017 et de l'Hashtag #Noirpasblack ». Le cadre de cette étude s'inscrit dans le prolongement de recherche en Analyse du discours entamé depuis quelques années par des chercheur.e.s comme Luca Greco (2014 et 2015 dir.), Stéphanie Pahud (2011, 2017a et b) et Marie-Anne Paveau (avec Zoberman 2009, 2014 a et b, 2017 a et b, 2018) qui ouvrent l'Analyse du Discours aux problématiques langagières du féminisme contemporain. Les problématiques des rapports de domination raciales ayant été très peu conceptualisé en France, je me suis tournée vers des théorisations féministes élaborées dans l'espace anglophone et brésilien mais traduites en français. Je me suis intéressée aux recherches états uniennes sur la notion d'intersectionnalité proposée par Kimberlé Crenshaw (1991) et la « feminist standpoint theory », notamment Patricia Hill Collins (2016) ainsi qu'aux recherches brésiliennes sur la notion de lieu de parole noire proposé par Djamila Ribeiro. Je voudrais appréhender les formes discursives et énonciatives des discours des minorités noires sur le web français à travers l'Intersectionnalité des rapports de genre, race, classe. Et analyser comment les productions discursives de ces minorités noires en France se produisent ainsi que les effets pragmatiques des problématiques d'intersectionnalité mobilisés par celles-ci ?

Mots-clés: Formes discursive. Énonciation. Notion de race. Intersectionnalité.

MULHERES NEGRAS E OS PROCESSOS DE MISCIGENAÇÃO BRASILEIROS: TENSÕES RACIAIS TRAVADAS NO NOMEAR

Larissa da SILVA FONTANA (Mestranda em Linguística pela Universidade Estadual de
Campinas/Bolsista CAPES)
larissa_svfontana@hotmail.com

RESUMO: O contexto singular de implementação de ações afirmativas, de expansão dos movimentos sociais e de permanência de violências físicas e simbólicas contra sujeitos negros, que se estabelece no Brasil atual, demanda que analistas de discurso dispostos a pensar as tensões raciais brasileiras reflitam acerca dos discursos da democracia racial e dos processos de embranquecimento (MUNANGA, 1999) que marcam a historicidade que constituiu o modo como se dão as divisões raciais no país. Assim, em minha dissertação, objetivo investigar a relação entre os projetos de embranquecimento discutidos e defendidos pela elite intelectual ao longo do século XIX e o modo como mulheres negras se autoidentificam e identificam a outras mulheres racialmente ao longo da história do Brasil. Neste trabalho, apresento um recorte deste objetivo principal que move minhas pesquisas atualmente. Para essa comunicação, mais especificamente, busco compreender se (e como), discursivamente, os ideais de embranquecimento da população brasileira – marcados pela tentativa de construção de uma identidade nacional eurocentrada – se relacionam à constituição, formulação e circulação das diversas nomeações que mulheres negras *youtubers* utilizam quando estas se propõem a discutir questões raciais no espaço digital (DIAS, 2004), particularmente no youtube. Considerando as singularidades deste espaço, consoante às discussões de Adorno (2015) sobre composição autoral nos vlogs, busco refletir também sobre como se estabelecem as práticas de resistência dessas mulheres em busca de legitimidade neste espaço, uma vez que elas se colocam a questionar as identificações raciais veiculadas institucionalmente por meio de órgãos como o IBGE; bem como as contradições que se marcam em seus discursos ao discutirem as questões de raça e miscigenação em contexto brasileiro. Para explorar a potencialidade dos debates raciais feitos principalmente por pesquisadores negros e negras brasileiros sobre a maneira como o racismo estrutura o modo de produção capitalista brasileiro, tento estabelecer um diálogo entre a Análise de Discurso materialista (PÊCHEUX, 1975) e estudos de gênero e de raça (ALMEIDA, 2018; GONZALEZ, 1984; KILOMBA, 2019; SOUZA, 1983) para analisar tais processos de identificação racial de mulheres negras *youtubers* em vídeos em que elas explicam o funcionamento do colorismo (WALKER, 1983) no Brasil, discutindo como os sujeitos sofrem (ou não) os impactos do racismo, em diferentes aspectos sociais, a partir de seus traços fenótipos e tons de pele.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras. Nomeações. Processos de identificação. Miscigenação.

ANALIDADE NEGRA: PARÁFRASES ANAIS

Luana SOUZA (UNICAMP)
luanafesouza@gmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de análise a *analidade negra*. Interessa-me, mais especificamente, investigar a produção e circulação de ideologias anais na pornografia de reivindicação feminista, analisando o modo como as sexualidades de mulheres negras tornam-se discursivamente orientadas para o ânus. Como buraco de entrada, vale salientar que o mercado *mainstream* de pornografias inclui um tráfego abundante em imagens de ânus negros, particularmente de mulheres negras, mostrando como a centralidade no ânus constroem os sentidos de prazer para as mulheres negras. Os prazeres das mulheres negras, então, são imaginados como particularmente ligados a ideologias anais. Nessas produções, a construção dos ânus das mulheres negras se estabelece como um local espacialmente marcado pela sujeira e imundice, um “buraco negro” que possui uma formação análoga a espaços sociais racialmente marcados. Em um mercado pornográfico no qual tanto *preta* quanto *anal* são buscas populares, a sinonímia entre *preta* e *anal* é significativa. Neste trabalho, pretendo mostrar como as relações de sinonímia entre *anal* e *preta* são significadas quando as vozes historicamente silenciadas de mulheres negras tomam a palavra e passam a produzir o seu próprio pornô. Para tal empreendimento, desenvolvo a noção de *analidade negra*, postulada por Jennifer Nash (2014), tomando como *corpus* dois filmes pornôs, produzidos por mulheres negras, que circulam como feministas. As diferentes formulações visuais de paráfrases anais, textualizadas em cenas prototípicas, permitem compreender os significados raciais na pornografia feminista do ânus feminino negro como um local crítico de prazer, perigo e curiosidade. As paráfrases anais que tomarei para análise são, da inscrição teórico-analítica-política de meu trabalho, produtos de determinadas condições históricas o que possibilita pensar o ânus como uma textualidade metonímica na qual é possível observar novas formas históricas de produção de subjetividades nas quais as mulheres negras podem se significar para ter prazer. Isto é, ao invés de voltar o olhar exclusivamente para a maneira como as ideologias anais constroem e violentam as mulheres negras, discussão vasta no pensamento feminista negro, examino como as mulheres negras fazem mover os sentidos em torno da sexualidade feminina negra ao construírem narrativas de prazer em que toma o ânus como um espaço, racialmente marcado, com potencial criativo de prazer e excitação.

PALAVRAS-CHAVE: *Analidade negra*. Pornografia feminista. Paráfrases.

RACISMO ESTRUTURAL E ENUNCIÇÃO

Miresnei Bomfim de Oliveira
Doutorando em Linguística – IEL Unicamp

RESUMO: De modo geral, o sentido atribuído às palavras é dado por uma forma muito particular de *referência* às coisas ou, simplesmente, como uma categorização/catalogação das coisas existentes no mundo. Autores como Foucault (1966), Frege (1892), Ducrot (1980), Guimarães (2002), Deleuze (1995), entre outros, cada um à sua maneira, discutem e ampliam este conceito. O crescimento das mídias sociais, de um lado, expõe, ainda mais, os falantes relativamente às suas línguas, isto é, engendra, pela materialidade da língua, o agenciamento político do dizer na enunciação; de outro, leva estes mesmos falantes a evocarem seus direitos, o que torna estes espaços judicializados. Num campo em que procuramos relacionar o racismo estrutural à linguagem, vemos eclodir esta ideologia enquanto prática social de preconceito, na medida em que instituições e pessoas (humoristas - caso Danilo Gentili-, youtubers – caso Rodrigo Fernandes-, blogueiros e pessoas comuns – caso David Silva/Burger King), ao serem acusadas de racismo, tentam “se afastar” de *seu enunciado* alegando, entre outras coisas, não terem a *intenção* do crime e, por isso, “poderem”, por exemplo, “associar” o negro a um símio. Todavia, o deslocamento desta questão do campo da intenção (cognitivo), como posto por certas pragmáticas (linguagem como *instrumento*), para o campo próprio da linguagem, nos permite dizer que a noção de referência presente nesse “argumento social”, além de não considerar o sentido como *designação*, traduz-se como uma clara e cínica tentativa de mobilizar algo do funcionamento político da língua não como que trazido pelo interdiscurso (conjunto do dizível), mas como uma forma de intersubjetividade apriorística, do sentido como algo “natural”, “normal”, sob os efeitos de sentido de uma prática presente materialmente na língua, dada pela afirmação do óbvio. Constituídos, pois, em princípio, os *corpora* acima, este trabalho intenta analisar semanticamente os enunciados presentes nas enunciações em que o racismo estrutural se manifesta enquanto fenômeno ideológico-prático e material de linguagem, visando entender sob quais “efeitos e condições” o crime de racismo é afastado e esquecido pela argumentatividade das instituições jurídicas brasileiras. Para pensar este fenômeno, partiremos das considerações trazidas por Guimarães (2002) na Semântica do Acontecimento, disciplina linguística de base histórico-materialista que entende o sentido como que produzido pelo acontecimento de enunciação, tratada aqui como algo relativo à língua, portanto, do sujeito como que constituído na linguagem, pela linguagem; língua enquanto sistema de regularidades ligado à sua exterioridade, capaz de descrever os paradigmas da subjetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Designação. Referência. Racismo. Enunciação.

O DIZER SOBRE OS NEGROS E AS (SUAS) LÍNGUAS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Rogério MODESTO (UESC)
roger.luid@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação objetiva apresentar os primeiros desenvolvimentos do Projeto de Pesquisa “Tensões Raciais na discursividade da Língua”, coordenado por mim na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), no qual, junto com alunos da graduação que realizam pesquisa de iniciação científica, busco analisar, em diferentes condições de produção, materialidade e tecnologias, o cruzamento discursivo entre discursos sobre língua e discursos sobre raça. Minha questão pessoal, em desenvolvimento no âmbito do supracitado projeto, tem a ver com o modo pelo qual filólogos e linguístas, cuja produção se deu entre os anos 30 e 60 do século XX, ao falarem sobre o processo de constituição do português brasileiro, engendraram também uma discussão racial, na medida em que consideravam povos indígenas, mas sobretudo os negros africanos ou afro-brasileiros, como personagens fundamentais na história da língua. Interessa-me, nesse sentido, entender o funcionamento discursivo racializante que atravessa as questões linguísticas levantadas por esses sujeitos, pensando em que medida suas formulações, ao jogarem com identificações racializantes (Cestare, 2017; França, 2018), podem ou não produzir o que, nas palavras de Nascimento (2019), se pode falar em “racismo linguístico”. Uma das perguntas que tocam esta comunicação advém das formulações de Gadet e Pêcheux (2011) quando estes questionam o funcionamento do humanismo e da “boa vontade” nas teorias linguísticas, especialmente aquelas que se inserem no chamado “sociologismo”. Assim, alinhando-me à corrente materialista da análise de discurso, trabalho a partir da seguinte interrogação: ao trazerem a figura do negro e de suas línguas como elemento fundamental da história da língua portuguesa, filólogos e linguístas partiriam de uma perspectiva humanista “desta vez sob a forma reformista das promessas piedosas e das boas intenções?” (Gadet, Pêcheux, 2011, p. 306) ou, de modo completamente oposto, esse seria um gesto que visaria a trazer para história oficial da língua sujeitos (e suas línguas) até então nunca considerados, dado o ideal monolíngue que permeia a história linguística brasileira? Por fim, espero que com este trabalho seja possível pôr em relevo a discussão do funcionamento da ideologia nos discursos científico, focando a questão racial com um dos pontos em que essa relação se faz (in)visível.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso racializante. Negros. História do Português Brasileiro. Análise de Discurso.

